

CAMÕES LÍRICO: UMA ABORDAGEM HISTÓRICO-LITERÁRIA

THIAGO PEREIRA MAIA*

VALDILENE ZANETTE NUNES**

RESUMO

Falar sobre Camões é, especialmente, estudar a respeito de um dos maiores gênios da Literatura, em particular de Língua Portuguesa de todos os tempos. Sua vasta obra ultrapassa os limites do tempo e chega aos leitores atuais com tratativas ainda bem contemporâneas. O presente artigo objetiva contextualizar Camões em seu respectivo momento histórico, considerando as variáveis desse período e, a partir disso, possibilitar o entendimento dessa influência em seus escritos, utilizando, além da História, da Filosofia e da Ciência, os próprios excertos camonianos como amostra, levando em conta, inclusive, estudos sobre a estrutura do poema. Com o estudo aqui proposto, além de conhecer mais sobre o autor, ao final, conclui-se acerca de sua importância para a evolução da Língua Portuguesa, estudo esse que pode contribuir, certamente, para pesquisas linguísticas em uma perspectiva diacrônica.

PALAVRAS-CHAVE

Camões, História, Filosofia, Literatura, Língua Portuguesa.

* Graduado em Letras, Português/Inglês pela Universidade Católica de Santos. (2018).

** Mestre em Língua Portuguesa pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Professora dos cursos de Licenciatura em Letras, Tradução, Pedagogia e Relações Internacionais da Universidade Católica de Santos. Coordenadora Geral de Especialização, Aperfeiçoamento e Extensão do Centro de Ciências da Educação e Comunicação da Universidade Católica de Santos.

INTRODUÇÃO

Os textos de Camões – lírico ou épico – podem nos proporcionar uma leitura extremamente rica. Isso pode ser dito pois, na lírica, estamos em contato constante com a reflexão sobre valores, crenças e ideais; entendemos que a força do pensamento não é meramente uma atividade cognitiva, mas um ato necessário para a compreensão de temas universais os quais cerceiam o ser humano e sua densa complexidade. Por outro lado, a parte épica, representada pela obra *Os Lusíadas*, materializa em sua narrativa versada a história e o orgulho do povo português por suas demasiadas conquistas dentro de um contexto

imperialista; a viagem de Vasco da Gama é narrada de forma magistral, com detalhes, levando o leitor a participar das aventuras dos descobrimentos quando do caminho marítimo para as Índias.

Aqui, neste trabalho, será dado enfoque à lírica, deixando em aberto para futuros trabalhos a possibilidade de uma pesquisa, de igual modo recompensadora, com os escritos da modalidade épica.

De todo modo, é importante conhecer e estudar esse autor, uma vez que ele representa um marco na história da Língua Portuguesa. Até a Idade Média, o português ainda mantinha fortes relações com sua matriz, o Latim; é com Camões que nosso idioma começa a adquirir os contornos hoje conhecidos e inicia profundas transformações, desde o nível da palavra até a sintaxe, porém não só.

Os textos camonianos não são ricos apenas pelo uso genial das palavras adequadas e de sua sintaxe rebuscada, tal qual uma estilística, de certo modo, peculiar e especial.

O interesse por esse estudo surgiu a partir do contato com textos de Camões, seja em sua fase lírica ou épica, e a compreensão da importância do referido autor para a Língua Portuguesa tanto em termos formais quanto ideológicos, facilitando, assim, que outras maneiras de análise sejam apresentadas e consideradas para uma possível aplicação no âmbito educacional.

Quanto à forma, sintaticamente falando, utilizou variadas formas inovadoras de construção dos enunciados linguísticos, promovendo a utilização, por exemplo, de ricas inversões da ordem normal das frases – sujeito, verbo, complementos e termos acessórios (hipérbatos), as figuras de linguagem como recurso semântico expressivo na constituição do sentido que casam com a teoria da sintaxe estudada no ensino regular.

Tal trabalho justifica-se, pois, por evidenciar a importância desse autor, mostrando não só que seus textos tratam assuntos ainda tão atuais e presentes na sociedade, quanto também mostrar como evoluiu a Língua Portuguesa ao longo dos anos, perdendo

1 INTRODUÇÃO A CAMÕES

Camões é, sem dúvidas, um dos escritores mais notáveis existentes em Língua Portuguesa, sendo considerado com frequência o maior poeta desse idioma, cujas obras clássicas perduram até hoje entre as mais comentadas e estudadas tanto no meio acadêmico quanto nos demais espaços nos quais se aborda o estudo literário.

Sua importância é considerada não só no âmbito da literatura, mas da língua também, efetivamente. O escritor revolucionou a forma como o referido idioma era visto no mundo, assumindo bastante relevância e perdendo seu antigo caráter apenas instrumental. Ficou conhecido pela famosa obra *Os Lusíadas*, em que narra as aventuras de Vasco da Gama enquanto navegador português e exalta, em um viés nacionalista, os feitos da nação portuguesa no sentido conquistador e descobridor de outras terras – o dito gênero épico –, embora tenha publicado sonetos tão famosos quanto em sua modalidade lírica, esta cujos textos serão abordados e analisados neste trabalho.

Apesar de representar um marco introdutório a uma nova maneira de enxergar a Literatura, Camões não rompera, de pronto, com o tradicionalismo da Idade Média, posto que conviviam em suas obras, notadamente, marcas do novo e do antigo expressas em antíteses (muitas vezes em níveis paradoxais) típicas de seus poemas, tais quais os confrontos entre carnal x espiritual, humano x divino, medida nova x medida velha, material x imaterial, amor

x paixão – tendo essa oposição o elemento neoplatônico inspirado nos moldes dos autores da Antiguidade –, confrontos sobre os quais fundamentou seus questionamentos e reflexões caracterizando seu claro propósito humanista questionador e norteador da abertura de novas perspectivas para aquele período, o qual, paulatinamente, fugia do teocentrismo apregoado pela Igreja daquele tempo, como também afirma Duarte (1983, p.7) quando diz que

Nessa linha de pensamento, percebe-se o motivo da duplicidade constatada na obra de Camões: ele se submete à cosmovisão universalizante, racionalista e platônica de sua época, repetindo o discurso ideológico dominante e reprimindo a colocação de questões. Logo em seguida, entretanto, ele faz as perguntas proibidas e revela uma agressividade que está voltada para todo um sistema de ideias que é o da civilização em que vive.

Estudá-lo, portanto, é não só um passeio por obras de extrema categoria e qualidade técnica, mas também uma boa oportunidade para conhecer uma parte da história de nossa língua de forma bastante prazerosa e enriquecedora.

1.1 BIOGRAFIA DE CAMÕES

Lúis Vaz de Camões nasceu em Portugal, embora, por falta de documentação que comprove, não se saiba exatamente a cidade, bem como o ano de nascimento, que estaria compreendido entre 1517 e 1525.

Tem ascendência galega. Sua família se fixou em Vilar de Nantes, uma freguesia portuguesa no concelho de Chaves e mais tarde migrou para Coimbra e Lisboa, lugares estes nos quais se suspeita que o escritor tenha nascido.

Era filho de Simão Vaz de Camões e Ana de Sá e Macedo. Mais a fundo na árvore genealógica, constata-se que, por ligações maternas, é parente do grande navegador Vasco da Gama e, por vias paternas, trineto de um trovador galego, Vasco Pires de Camões.

Durante os anos de 1542 e 1545, morou em Lisboa e, no referido período, preferiu viver na corte de D. João III. Nesse triênio, obteve reconhecimento e foi visto como poeta.

Viveu em Coimbra durante alguns anos, onde frequentou o curso de Humanidades, mas não se sabe ao certo se ele chegou a frequentar a Universidade de Coimbra; especula-se tal fato já que seu tio, Don Bento Camões, era clérigo e chanceler da instituição, sem contar que seu grande conhecimento cultural pressupunha uma formação educacional consideravelmente rica para os padrões de uma pessoa comum, tendo, inclusive, contato com escritores espanhóis, italianos e gregos, os quais influenciaram sobremaneira seus escritos.

No ano de 1549, vai a Ceuta, uma cidade autônoma da Espanha, localizada mais à margem africana. É nesse período em que Camões perdeu o seu olho direito ao se envolver em uma batalha contra os Mouros, embora há quem diga que, na verdade, ele o tenha perdido por espiar donzelas nuas nas fechaduras. Sobre tal infortúnio, o próprio escritor o relata em um dado trecho de um poema intitulado “Canção Lembrança da Longa Saudade”, a saber:

(...) E para que o tormento conformado
Me dessem com a idade, quando abrisse
Inda menino os olhos brandamente,
Mandam que diligente
Hum menino sem olhos me ferisse...” (CRAESBEECK, 1607. p 46)

Em 1551, retorna à Lisboa, onde, no ano seguinte, é preso por discutir e ferir, em defesa de amigos, um servo ligado ao Rei, Gonçalo Borges, o qual lhe perdoou com uma carta régia

enviada ao monarca, mediante servidão militar de Camões em território indiano, mais especificamente Goa. Tal lugar é representativo no sentido de ser onde o poeta concebe significativa parte de suas composições épicas, diga-se, principalmente, *Os Lusíadas*.

Em 1556, vai a Macau, onde continua compondo epicamente. Lá, conhece uma jovem de origem chinesa chamada Dinamene (ou Tin Nam Men, originalmente). Porém, sofreram o escritor e sua amada o desastre de um naufrágio. Diz-se que o poeta, por ter já bem avançados os escritos de sua obra *Os Lusíadas*, preferiu salvar esta à amada, a qual morreu, embora tal versão não seja comprovada.

No ano de 1560, retorna a Goa e, endividado, é preso e pede a D. Francisco Coutinho para ser liberto.

Em 1568, viaja a Moçambique; lá é encontrado por Diego do Couto, historiador português e guarda-mor da Torre do Tombo de Goa. Segundo relatos deste, o poeta estava pobre e vivia da ajuda dos amigos, sendo o próprio Diego a ajudá-lo com o pagamento do que faltava para a viagem de Camões a Lisboa, chegando este lá em abril de 1570.

Falece Camões, a 10 de junho de 1580 (ou 1579, dado que não se tem o registro do ano ao certo), em Lisboa, tendo sido sepultado, acredita-se, na Igreja de Sant'Ana. Atualmente, os restos mortais do poeta encontram-se ainda na mesma cidade, no Mosteiro dos Jerónimos, sendo este local tombado pela UNESCO em 1983 como patrimônio mundial.

1.2 BIBLIOGRAFIA DE CAMÕES

Camões só foi realmente reconhecido enquanto notável escritor após sua morte. Apesar de ser associado normalmente sua obra mais famosa, *Os Lusíadas*, de caráter épico e de exacerbado nacionalismo a cantar os feitos dos navegadores portugueses e exaltando o povo português - e, portanto, ufanista -, o poeta também compôs inúmeros sonetos líricos em que fala sobre o amor, questiona o ser humano, valores e demais questões que envolvem o homem e a sociedade, como também escritos teatrais.

Eis, a seguir, as principais:

Épicas:

- *Os Lusíadas* (1572).

Líricas:

- Amor é fogo que arde sem se ver (1595);
- Eu cantarei o amor tão docemente (1595);
- Verdes são os campos (1595);
- Que me quereis, perpétuas saudades? (1595);
- Sôbolos rios que vão (1595);
- Transforma-se o amador na cousa amada (1595);
- Sete anos de pastor Jacob servia (1595);
- Alma minha gentil, que te partiste (1595);
- Mudam-se os tempos, mudam-se as vontades (1595);
- Quem diz que amor é falso ou enganoso (1595).

Teatrais:

- *El-Rei Seleuco* (1587);

- Auto de Filodemo (1587);
- 1587 – Anfitriões (1587).

1.3 UM POUCO DE HISTÓRIA: O RENASCIMENTO

Movimento cultural, sociopolítico e científico ocorrido na Europa entre os séculos XIV e XVI, o Renascimento representou um marco na história desse continente. Significava a renovação de valores que até então se creditavam ao Feudalismo, este baseado em relações rígidas e estanques de poder entre senhor e vassalo regidas de valores teocêntricos (do grego, *theos*, “Deus” e *kentron*, “centro”) em que o Rei era um ser determinado por Deus, inquestionável e absoluto, sendo um representante divino na Terra.

Com o surgimento da renascença, há uma ruptura desse absolutismo monárquico, uma vez que existe uma transição dos valores teocêntricos para os antropocêntricos (do grego *anthropos*, “humano” e *kentron*, “centro”), ou seja, o homem e suas questões passam a ser mais protagonistas e determinantes para as formulações ideológicas, descentralizando o poder outrora que a Igreja exercia, embora o homem desse período não deixasse de acreditar em Deus; para ele, a prova da existência de Deus é a própria criação humana. De acordo com Burke (2008, p. 9),

A consciência humana [...] repousava sonhadora ou semiacordada sob um véu comum. O homem estava consciente de si próprio apenas como membro de uma raça, povo, partido, família, ou corporação – apenas através de uma qualquer categoria geral. [No Renascimento], este véu evaporou-se [...] o homem tornou-se um indivíduo espiritual e reconheceu-se a si mesmo como tal.

O desenvolvimento das cidades, do comércio e as expansões marítimas favoreceram que tal movimento surgisse, pois com o advento dessa tecnologia e tamanhas transformações, os europeus viram que se iniciava um novo tempo, que não se restringia somente às fronteiras apenas de seu continente, mas com potencial de proporções globais. Nesse contexto, surgiram artistas, pensadores e pessoas engajadas em mostrar e divulgar essa renovação de pensamento, os valores daquela sociedade que surgia. Foi um momento de grande produção literária, artística e intelectual, financiada por um grupo de pessoas da burguesia (no clero, no comércio e nos demais setores) denominadas mecenas. Esse termo tem origem na Roma Antiga, fazendo alusão a Caio Mecenas, um importante conselheiro do Imperador Augusto. Aquele foi responsável por patrocinar obras de inúmeros intelectuais e artistas da época

Obviamente, a ajuda não era desinteressada: eles também buscavam glória e prestígio de suas personalidades bem como reconhecimento. Foram os mais conhecidos as Famílias Sforza, Médici e Francisco I, rei da França.

O Renascimento teve seu berço na Itália, tendo nas cidades de Florença e Veneza suas mais notáveis produções. Leonardo da Vinci na pintura, bem como Dante Alighieri e Petrarca na literatura foram os principais ícones do movimento que se alastrara anos depois para França, Portugal e Espanha, influenciando os artistas dessas respectivas nações, como veremos em capítulos seguintes tal influência desse período nos escritos de Camões.

Os artistas representantes da renascença buscavam inspirar-se na cultura greco-romana, com as quais tiveram intenso contato. Os autores clássicos foram descobertos a partir das culturas bizantinas e árabes, com os quais os europeus tiveram contato dada a intensa troca comercial entre eles. Os textos foram traduzidos, na Idade Média, para o grego, o que

promoveu um melhor entendimento e um contato maior dessas obras com os europeus, facilitando sua interação com esses conhecimentos.

Interessa-nos, mais especificamente, a tônica do movimento em Portugal, por razões retóricas. Assim como em outros países, quando o Renascimento lá chegou, influenciou, também, os artistas de diversos segmentos (nas artes cênicas, visuais, literárias, música).

Na arte literária, a influência mais forte foi na linguagem utilizada. A erudição dos escritores ao tratarem de questões mais profundas do homem, levantando reflexões a respeito de valores, comportamentos, sentimentos e visões de mundo entra em antítese com o que o homem medieval até então pensava, o que também é explicado por Alves Osório (1976, p.36):

De qualquer forma, a ideia que subjace é que o homem, cuja actividade é o estudo da literatura, ou letras, deve possuir uma cultura e uma erudição cuidadas. Nisso formava ele um contraste com o medieval ignorante, preocupado com minudencias com que alimentava grandes discussões.

Como processo histórico, passou por três fases distintas: o *Trecento*, o *Quattrocento* e *Cinquecento*.

No *Trecento*, que corresponde ao período do século XIV, iniciado em Florença, houve o início do rompimento com os valores medievais, o começo da transição da Idade Média, também conhecida como “idade das trevas”, para a Idade Moderna. A partir desse momento, percebe-se uma individualização das temáticas artísticas, que passam a retratar o homem, suas características e valores, desvinculando a imagem do sagrado, do divino e centrando em uma perspectiva antropológica. Destaca-se na pintura com Giotto di Bondone e na literatura com Dante Alighieri e Francesco Petrarca.

No *Quattrocento*, correspondente ao período do século XV, há uma intensificação da produção artística. Chega a ser tamanha a ponto de se considerar o ápice do movimento, pois ele se espalha pela Península Itálica (atual Itália) e a cultura greco-romana passa a influenciar mais ainda as produções desse momento, uma vez que se trabalha com temas mitológicos e cresce o interesse por literaturas de língua grega e latina. As ideias de filósofos como Platão e Aristóteles passaram a influenciar os artistas e isso se notava tanto no plano da forma quanto do conteúdo das obras.

Foi nesse momento que as ciências tomaram um substancial impulso, possivelmente justificado pelo mecenato, principalmente a Matemática, a Astronomia e a Física. Um dos feitos mais marcantes é a invenção da imprensa pelo alemão Johannes Gutemberg, o que favoreceu significativamente a disseminação de informações e conhecimentos; além dele, cientistas como o polonês Nicolau Copérnico com a Teoria Heliocêntrica, segundo a qual a Terra gira em torno do Sol – e não o contrário, como se acreditava até então –, muito condenada pela Igreja Católica, rendendo ao estudioso uma condenação por heresia, já que, segundo a doutrina, ele havia contrariado as escrituras, mesmo sendo provada por Galileu Galilei tempos depois.

Por último, no *Cinquecento*, última fase – século XVI –, houve uma expansão do Renascimento para além das fronteiras da Península Itálica; com força, chega a outros países como Portugal, Holanda, Espanha, França e Alemanha. Seu início é conhecido como Alta Renascença, devido ao ápice. Os ideais do Humanismo, exaustivamente pregados até então, tornam-se muito mais divulgados, no sentido de direcionar, de fato, as produções para uma representação mais fidedigna do Homem e da Natureza.

Concomitantemente, o artista é visto como um artesão, já que a representação das obras se torna demasiadamente erudita e carregada de perfeccionismo. O resultado disso são obras

artísticas tanto na Literatura quanto na Pintura com uma carga maior de realismo no retrato da realidade e subjetivismo.

À nova concepção de homem que surge então dá-se o nome de humanismo, entendendo-se por isso o interesse pelo ser humano e a primazia a ele conferida. O homem passa a ser valorizado pela sua capacidade de conhecimento, pela sua possibilidade de voltar-se às coisas do mundo e dominá-las pelo saber. O Renascimento protesta contra o ascetismo medieval – ou seja, o desprezo do corpo e dos interesses não-espirituais do homem –, valorizando a autodeterminação da personalidade e exaltando a natureza humana. (CADEMARTORI, 1985, p.18)

Na Literatura, cada país citado teve representantes que, em seus escritos, personificaram as características do período. Em Portugal, cerne de nosso estudo, Camões e Gil Vicente fizeram-no.

O principal centro cultural, outrora Florença, agora passa a ser Roma. Nesse contexto, artistas como Leonardo da Vinci, com sua obra “Monalisa”, Rafael Sanzio e Michelangelo surgem como protagonistas de um momento singular na história da arte.

A Itália, sem dúvida, teve um papel fundamental na consolidação do Renascimento – não à toa, é considerada o “berço do movimento”. Foi nesse país onde surgiram as inspirações artísticas que, como vimos, com o passar do tempo, foram sendo propagadas por toda a Europa.

Contudo, ao final do Cinquecento, coincidindo com o final século XVI, as cidades italianas que detinham o controle do comércio de especiarias viram-se ameaçadas pelo advento das grandes navegações. O foco, nesse momento, saía delas para as descobertas além do Mediterrâneo; as luzes, agora, voltavam-se para os descobrimentos dos territórios americanos, porquanto passaram a ser economicamente muito mais rentáveis, já que possuíam, em larga escala, especiarias e riquezas naturais.

Com isso, a outrora rica Península Itálica, dominante nas artes e na religião, passa a entrar em crise, principalmente pelo fato das reformas religiosas ocorridas nessa época, acarretando diversos embates entre católicos e protestantes. Começava a Reforma Protestante, liderada por Martinho Lutero, cujo movimento pregava a contestação à doutrina católica e liberdade interpretativa da bíblia por quem a lesse, promovendo uma revolução na maneira de pensar do homem daquele período.

Pouco a pouco, o Renascimento vai perdendo sua influência nos demais países europeus e vai nascendo um novo movimento artístico denominado *Barroco*.

1.3.1 A Literatura Renascentista

Como dito no início do tópico anterior, o homem da renascença não abandonara a ideia do Divino; havia, antes, assimilado a concepção de que ele, sendo uma obra de Deus, já comprovava a existência deste e buscava compreender de que forma, efetivamente, as criações de Deus se aplicavam dentro de um contexto prático, mais especificamente científico.

Guiados por princípios do Humanismo, vertente ideológica em que o Homem e sua natureza são glorificados, os autores, então, passaram a tratar de questões intimamente ligadas ao ser humano, suas dúvidas, bem como seu caráter existencial e valores.

Nesse sentido, vários autores foram essenciais na consolidação dessa estética humanista. Petrarca foi o precursor de uma estrutura nova na poesia denominada *soneto*, revolucionando

o modo de produção escrita naquele período, bem como seu contemporâneo, Dante Alighieri.

Em um aspecto geral, por ser uma arte, a literatura teve uma projeção grandiosa, desenvolvendo-se de maneira unânime, pois seus conceitos foram radicalmente modificados; ela se desprende dos valores teocêntricos pregados pela Idade Média, cujos escritos se voltavam para uma concepção muito mais teológica da vida, em uma clara intenção de se desligar do feudalismo e da influência da Igreja para, assim, lançar-se ao capitalismo e começar a dar mais liberdade para que houvesse uma reflexão do ser sobre aquilo que o rodeia ou faz parte dele, abrindo espaço para uma supervalorização do que é humano – sentimentos, ideias, pensamentos, desejos –, sendo comum recorrer a figuras alegóricas mitológicas como deuses ou monstros que representassem qualidades ou virtudes humanas – *Os Lusíadas*, de Camões, representam bem essa estética.

Com isso, aproxima-se Deus e o Homem, superando a visão essencialmente dogmática pregada na chamada “Idade das Trevas”, a qual colocava uma distância abissal entre aqueles.

Os autores desse tempo foram influenciados por ideias de filósofos greco-romanos, o que torna notável o tom clássico que suas obras assumem. Seguem alguns mais famosos tais quais o espanhol Miguel de Cervantes, com *Dom Quixote de la Mancha*; Montaigne, francês, com *Ensaaios*; William Shakespeare, inglês, com *Romeu e Julieta*. É importante destacar que tais artistas tiveram outros livros de também muito grande repercussão. Os respectivos títulos mencionados são apenas representativos dentro de um rol de tantos outros tão relevantes quanto.

1.4 A ESCOLA LITERÁRIA DE CAMÕES: O CLASSICISMO

Antes de iniciar o tópico, é importante esclarecer algo: existe uma diferença entre Humanismo e Classicismo, ainda que estejam intimamente ligados; o primeiro é um movimento de transição do pensamento medieval, mercantil, teocêntrico, de cunho filosófico; o segundo é uma corrente estética e voltada para as artes em geral.

Toda a contextualização anterior foi importante para que entendêssemos em qual contexto histórico-literário Camões está inserido. Portugal, assim como os outros países europeus, passa, também, por tais mudanças e isso se reflete fortemente na literatura nacional.

A Renascença no país se inicia em 1527, portanto século XVI, quando o escritor Sá de Miranda retorna da Itália trazendo estudos literários avançados e inovadores aprendidos com poetas italianos, como, por exemplo, o soneto – cuja estrutura de poema trabalha com duas estrofes de quatro versos e duas de três, ou, respectivamente, duas quadras e dois tercetos –, bem como o inédito verso decassílabo, também conhecido como *dolce stil nuovo*, cuja tonicidade, como o próprio nome diz, recai na décima sílaba poética.

Vejamos um exemplo elementar de análise (escansão) em que podemos ver tal estética na prática. Note-se o rigor formal e o metodismo da estruturação das palavras em torno dos versos que compõem o poema “Amor é Fogo que Arde Sem se Ver”, de Camões:

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10
 “A/mor/é/fo/go/quear/de/sem/que/rer
 É/ fe/ri/da/ que/ dói/ e/ não/ se / sen /te
 É/ um/ con/ten/ ta/men/to/ des/con/ten/te
 É/ dor/ que/ de/sa/ti/na/ sem/ do/er/;

2 estrofes de 4 versos ou 2 quadras

É/ um/ não/ que/rer/ mais/ que/ bem/ que/**rer**/;
 É/ so/li/tá/rio an/dar/ por/ en/tre a/ **gen**/te;
 É/ nun/ca/ se/ con/ten/tar/ de/ con/**ten**/te
 É/ cui/dar/ que/ se/ ga/nha em/ se/ per/**der**;

2 estrofes de 3 versos ou tercetos

É/ que/rer/ es/tar/ pre/so/ por/ von/**ta**/de;
 É/ ser/vir/ a/ quem/ ven/ce, o/ ven/ce/**dor**/;
 É/ ter/ com/ quem/ nos/ ma/ta,/ le/al/**da**/de.

Mas/ co/mo/ cau/sar/ po/de/ seu/ fa/**vor**
 Nos/ co/ra/ções/ hu/ma/nos/ a/mi/**za**/de
 se/ tão/ con/trá/rio a/ si é o/ mes/mo A/**mor**?

Fonte: Torralvo e Minchillo (2001. p. 4)

Chamamos o poema anterior de soneto, pois apresenta a estrutura típica de um poema petrarquiano, estruturado em duas duplas de quatro versos em duas quadras e dois tercetos, totalizando quatro estrofes.

Ainda em análise formal, é importante notar o cuidado que havia com a métrica dos versos: a precisão de a sílaba tônica ser exatamente a décima, técnica adotada por Camões também em sua obra *Os Lusíadas*. Diga-se que, até antes desse período, os versos obedeciam a uma orientação espacial de redondilhas menores ou maiores, de cinco ou sete versos, respectivamente, o que alterou, sem dúvida, o ritmo e, por consequência, a musicalidade dos poemas agora feitos.

Tamanha preocupação formal dos poetas dessa nova escola literária revela uma de suas principais características: o racionalismo. É errôneo pensar que essa peculiaridade sugere frieza de sentimentos ou distância destes, pois, como vimos, Camões fala do amor de maneira extremamente lírica. Em uma análise posterior, veremos com detalhes os recursos linguísticos que fazem deste poema um dos mais célebres de sua produção. Racionalismo, aqui, é dito no sentido de promover uma reflexão, um pensamento sobre tal subjetividade perpassando pelo uso da razão, além de buscar majoritariamente a objetividade, sem muitos malabarismos vocabulares ou neologismos, porquanto usa palavras não tão complexas do ponto de vista do significado, da aceção, e sim de uma maneira complexa em termos de contextualização, de construção de sentido.

É interessante observar que tais autores ainda influenciam artistas atuais, os quais, por meio da intertextualidade, produzem textos de grande qualidade.

A música “Monte Castelo” do Legião Urbana é um bom exemplo disso.

Há trechos da música “Monte Castelo” (URBANA, 2018) que fazem intertextualidade direta com a poesia de Camões. Vale ressaltar que intertextualidade é quando um texto sofre a influência de outro já escrito, sendo o original um modelo que serve de base para criação do atual, não necessariamente mantendo as mesmas ideias, mas apresentando semelhanças na forma ou no léxico.

Os escritores do Classicismo tinham em mente conceitos que traziam à tona questões que colocassem o Homem enquanto ser pensante, dotado de pensamento e sentimentos, sendo capaz de analisá-los de forma consciente, saindo de conceitos do senso comum para, por meio da reflexão, chegar a raciocínios particulares, tornando-os “verdades universais”, justamente a partir de temas universais como o amor. Essa tratativa e preocupação dos autores evidencia uma outra característica muito peculiar dessa época: o chamado Universalismo.

Outra característica importante dessa escola literária é a constante tentativa de retornar aos valores greco-romanos; isso porque os classicistas se inspiraram nos escritores daquele período, então, é comum encontrar em textos clássicos figuras mitológicas, como no exemplo abaixo, um trecho do Canto I de *Os Lusíadas* (CAMÕES, p.7), em que se vê a clara referência à deusa Vênus – a deusa do amor, assim nomeada pelos romanos e chamada de Afrodite pelos gregos:

Sustentava contra ele **Vênus** bela,
 Afeiçoada à gente Lusitana
 Por quantas qualidades via nela
 Da antiga, tão amada, sua Romana;
 Nos fortes corações, na grande estrela
 Que mostraram na terra Tingitana,
 E na língua, na qual quando imagina,
 Com pouca corrupção crê que é a Latina.”

Apesar de ter sido Sá de Miranda o precursor do Classicismo em Portugal, é consensual que Camões representou a figura mais importante do período, tanto em suas vastas produções líricas que mesclavam o estilo tradicional das antigas redondilhas e a nova maneira de fazer poesia, quanto na épica, representada com maior ênfase por *Os Lusíadas*, a exaltar com ufanismo o povo português e seus feitos quando da época das Grandes Navegações.

1.5 A INFLUÊNCIA DE PETRARCA, PLATÃO E ARISTÓTELES NOS SONETOS CAMONIANOS

Tal qual os outros poetas portugueses de sua época, Camões se inspirava em um modelo de fazer poemas utilizado por grandes escritores desse momento, especificamente Francesco Petrarca, sendo este fortemente inspirado por filósofos como Platão.

Isso é algo notório quando falamos, sobretudo, a respeito da estrutura, o soneto; há autores que fazem a correlação direta desse termo à sua origem, quando também o chamam de versos petrarquistas.

Além dessa semelhança estilística, vê-se igualdade ainda mais visível quando, por exemplo, na representação do amor em Camões. Petrarca retratava tal sentimento como algo sublime, idealizado, imaculado e que não necessitava de um contato físico para acontecer, pois já existia no campo das ideias – daí a associação com Platão, o qual veremos com detalhes mais à frente – no qual a mulher era retratada de uma forma endeusada, com uma beleza e pureza puramente celestiais, transcendendo a normalidade material e adotando uma nuance muito mais espiritual, numa clara tentativa de elevar o amor enquanto algo nobre e,

portanto, como elo com o Divino. Ou seja, os dois autores tinham a mesma base filosófica adotada em seus escritos. As líricas camonianas, dada essa influência, também retratam tal sentimento dessa forma.

Vejam, na prática, essa relação temática:

Transforma-se o amador na cousa amada,
 por virtude do muito (**imaginar;**)
 não tenho, logo, mais que desejar,
 pois (**em mim**) tenho a parte desejada.
Se (nela está minha alma transformada,)
 que mais deseja o corpo de alcançar?
 Em si somente pode descansar,
 pois consigo tal alma está ligada.
 Mas esta (**linda e pura semideia,**)
 que, como um acidente em seu sujeito,
 assim como a alma minha se conforma, está no (**pensamento como ideia:**)
 [e] o (**vivo e puro amor**) de que sou feito,
 como a (**matéria simples busca a forma.** (TORRALVO; MINCHILLO, 2001, p.22)

Os termos e sentenças em negrito evidenciam ideias-chave para que possamos compreender a correlação filosófica entre Camões e Platão.

Logo na primeira estrofe, temos um traço muito característico: o amor imaginado, idealizado, que não existe no mundo real, porém tecido no plano ideológico, do pensamento. Daí deriva a expressão “amor platônico”, hoje empregada quando não há correspondência mútua, compartilhada desse sentimento, em tom unilateral.

No poema, a parte desejada, ou seja, o ser amado, como diz a segunda estrofe, é o outro, que se encontra construído na mente de quem o projeta, idealiza e, portanto, não necessita que a matéria corpórea do ser idealizador a veja no mundo material para que ela exista; na terceira estrofe, a própria adjetivação já nos remete a outro ideal platônico: a purificação do amor, que não é um sentimento, porém uma ideia, dotada de pureza, impoluta, muito comprovada pela dupla de adjetivos que compõem o verso. Por fim, na quarta estrofe, além do prosseguimento do sentimento enquanto ideia, temos o acréscimo de outro ideal que se propõe, inclusive, na estética estilística: a materialização do amor na forma, ou seja, mais importante que o sentimento é a maneira como ele se dá, assumindo, assim, um caráter metalinguístico, uma vez que a forma é abordada tanto no plano discursivo quanto estrutural, neste sendo reproduzida por meio da rima e metodismo das estrofes.

A influência dos filósofos nas produções classicistas está diretamente ligada à questão do Humanismo: pensar os comportamentos humanos era algo essencial para que o Homem, a partir de uma explicação racional, entendesse sua posição no mundo.

As figuras mitológicas são uma representação dessas condutas, tal qual viu-se Vênus em um excerto de *Os Lusíadas*.

É bom dizer que Sócrates, de quem Platão era discípulo, já se referia ao amor racional, refletido, pensado, todavia tinham visões diferentes. Para o primeiro, as ideias se formam por meio da experiência, do contato com o mundo exterior, inteligível ou sensível, por isso

diz-se que ele é empirista, ou seja, defende a formação do conhecimento a partir de uma experiência, notadamente sensorial.

Por outro lado, o pupilo apenas fez reformular esse pensamento por meio de união entre Eros e Logos, ou seja, o entendimento de que para se estabelecer no plano das ideias, racional, o conhecimento precisa ser, antes estar fundamentado naquilo que é chamado mundo “suprassensível”, ultrapassando os limites do que é físico, *physis*, tendo cada pessoa uma ideia prévia do que pode ser cognoscível por meio do Inatismo. Em outras palavras, para Platão não era necessário passar para experiência para entendê-la, pois já se tinha um arcabouço inato sobre ela, que demandava apenas ser processado pelo pensamento no campo imaterial, ideológico e, portanto, distante da realidade material.

Notaremos que, em todos os poemas de Camões expostos neste trabalho, em nenhum veremos o Amor tratado de uma forma libidinosa, insinuante, embora em alguns haja um sutil toque de sensualidade, porém não exacerbado; isso porque uma outra peculiaridade importante dessa estética era de que ela não abandonara a moral e os costumes cristãos, ainda que os eixos temáticos fossem nitidamente antropocêntricos. A poesia lírica era invariavelmente orientada para tratar de um amor que não evidenciasse ou propagasse formigações ou sensualidades explícitas, porém, sim, o sentimento limpo de qualquer condenação carnal, algo considerado vulgar. Só o Amor celeste, fraternal é capaz de conduzir o Homem a Deus, servindo como uma ponte entre este e aquele.

1.5.1 Francesco Petrarca, um mestre dos sonetos

Francesco Petrarca foi um dos ícones mais importantes do movimento clássico na Europa. Italiano, nascido em Arezzo, na região da Toscana, em 20 de julho de 1304, foi ele a inventar o soneto, estilo poético posteriormente adotado como padrão pelos escritores clássicos.

Na França, em Avignon, estudou gramática e, posteriormente, retórica e dialética; por isso, só a partir de 1337 inicia, de fato, a escrever sonetos, chegando a passar de 300 escritos. Não se dedicava somente à lírica: assim como Camões, possuía, também, obras épicas e, além dessas, textos de teor filosófico e histórico. Sua obra mais conhecida chama-se *Canzoniere*, cuja pauta principal dos poemas é seu amor por Laura Novaes, que conheceu na mesma cidade.

A seguir, veremos um poema de Petrarca, um trecho do Soneto XC:

<p><i>Erano i capei d'oro a l'aura sparsi che 'n mille dolci nodi gli avvolgea, e 'l vago lume otra misura ardea di quei begli occhi, ch'or ne son scarsi;</i></p>	<p>Eram os cabelos d'ourados esparsos ao vento que em mil doces nós a envolvia, e a vaga luz resplandecia desmedida daqueles bonitos olhos, que hoje não existem;</p>
<p><i>e 'l viso di pietosi color farsi, non so se vero o falso, mi pareva: 'i che l'esca amorosa al petto avea qual meraviglia se di subito arsi?</i></p>	<p>e o rosto transformando-se em piedosas cores não sei se me parecia real ou uma ilusão: eu que tinha a isca amorosa no peito por qual maravilha logo fui tomado ?</p>

Fonte: Sousa (1996, p. 91)

Interessante é notar a tamanha importância de Petrarca em Camões. Para efeito de comparação, vejamos a semelhança existente entre ambos a partir do trecho de um poema intitulado *Fermosa e gentil dama*:

Fermosa e gentil Dama, quando vejo
 a testa de ouro e neve, o lindo aspeito,
 a boca graciosa, o riso honesto,
 o colo de cristal, o branco peito,
 de meu não quero mais que meu desejo,
 nem mais de vós que ver tão lindo gesto.
 Ali me manifesto
 por vosso a Deus e ao mundo; ali me inflamo
 nas lágrimas que choro,
 e de mim, que vos amo,
 em ver que soube amar-vos, me namoro;
 e fico por mim só perdido, de arte
 que hei ciúmes de mim por vossa parte...

Fonte: Camões (2005)

Perceba-se que a mulher é idealizada de uma maneira tal que transcende a normalidade humana. Note-se que, em ambos os casos, o excessivo número de adjetivações expressas pelo eu-lírico parece querer retratar, como o faz um pintor em um quadro, o ser imaginado. Tanto o excerto de Camões quanto o de Petrarca seguem um ideal neoplatônico, orientado por uma perspectiva de alguém que não está, obrigatoriamente, existente no mundo material, todavia em um plano superior, inatingível, que foge às experiências sensoriais. Isso acontece devido à tentativa de elevar a musa inspiradora a um patamar sublime de divindade que transcende a normalidade um ser humano dotado de imperfeições e transformar o amor em uma clara e constante prática perfeccionista.

O ideal da Beleza é recorrente nas líricas, pois é uma característica do já mencionado *still nuovo*; a celestial beleza que atinge os olhos de quem a contempla, chegando à alma e imaculando-a, é condição *sine qua non* para que se alcance um nível de pureza tal a permitir ao ser humano alcançar Deus.

Petrarca faleceu em Aquirà, Itália, em 19 de julho de 1374.

1.6 FILOSOFANDO: O NEOPLATONISMO

Entender o conceito de Neoplatonismo é assaz importante enquanto ferramenta quando nos deparamos com textos de autores do Classicismo, uma vez que essa ideologia é adotada como modelo inspirador em suas obras.

De pronto, em uma verificação morfológica elementar do vocábulo, chegamos, sem mais delongas a *Neo* = novo, portanto, Novo Platonismo, embora essa acepção ainda não esclareça, presumimos, por completo, o que realmente encerra essa maneira de pensar; vejamos, então, a acepção da palavra segundo o Dicionário Scottini (2009, p.379), tal qual se segue: “ideias filosóficas acrescidas à filosofia de Platão, enfocando visões cristãs, como adaptação aos novos tempos, por volta de 800 d.C., por Santo Agostinho”.

O Neoplatonismo, fundado e representado por Plotino, foi um dos movimentos mais relevantes dentro da perspectiva da Antiguidade Clássica. Apesar de se fundamentar no Platonismo, difere deste, essencialmente, no sentido de acreditar que não existe a dualidade mundo inteligível x mundo sensível ou, em outros termos, mundo real x mundo das ideias; ao contrário, prega que a partir de uma fusão destes, chega-se a uma unidade, cujo objetivo é a aproximação de Deus, conferindo um tom místico, espiritual às obras produzidas.

Camões, como veremos em tópico adiante, vale-se de ambos; ora em suas obras ele se apegava a ideias platônicas, ora a ideais neoplatônicos, justamente pelo fato de ele unir em seus textos tanto o que já se fazia na Idade Média quanto em sua contemporaneidade, pelo fato de se situar, literariamente falando, no período de transição do pensamento medieval para o moderno.

Seu principal objetivo enquanto corrente filosófica é resolver o conflito existente entre o singular e o múltiplo. Nesse pensamento, acaba por ocorrer uma união profunda, capaz de tornar única a alma humana e Deus, alcançando, assim, o último estágio tão buscado de perfeição, o *Uno*.

Se hoje estudamos as ciências humanas com tamanha profundidade, sem dúvidas, a doutrina neoplatônica foi responsável, no início da Idade Moderna, por abrir as portas a essa possibilidade.

1.6.1 O amor para Platão

Definir o conceito de amor é algo que intriga mesmo os mais esclarecidos pensadores. Platão, que se enquadra nessa categoria, não fez por menos em refletir sobre essa questão.

Em O *Banquete*, o filósofo se propõe a despertar uma profunda reflexão sobre a ideia de Amor. A partir de uma figura que retoma preceitos clássicos, sobretudo na representação de *Eros* - sendo este, na mitologia grega, o Deus do amor -, demonstra que esse sentimento nada tem a ver com paixões carnis, vicissitude de toda sorte ou libertinagem; antes, porém, é contemplar a beleza (experiência sensível) que o desperta e transcende o entendimento limitado material e se conecta ao espírito, ao eu interior, purificando-o e elevando-o.

Platão ressalta que só se ama aquilo que não se tem, o que justifica o desejo. Nisso se inclui o culto à beleza, pureza e o enaltecimento de um amor cujo nível é muito superior a eles próprios, em termos de espiritualidade. Fator este assaz importante, pois, para o filósofo, é importante que a alma humana se desprenda, desapegue-se de paixões terrenas que a aprisionam na ignorância, fazendo, assim, com que o Homem se aproxime da Sabedoria e da Verdade, por meio do amor - o amor pensado, racional, que passa pelo crivo do intelecto. O amor, portanto, não é necessariamente sensível, mas inteligível e, nessas condições, aproxima-o de Deus, bem como afirma em sua obra já citada (PLATÃO, 2000, p.45):

Que pensamos então que aconteceria, disse ela, se a alguém ocorresse contemplar o próprio belo, nítido, puro, simples, e não repleto de carnes, humanas, de cores e outras muitas ninharias mortais, mas o próprio divino belo pudesse ele em sua forma única contemplar? Porventura pensas, disse, que é vida vã a de um homem a olhar naquela direção e aquele objeto, com aquilo com que deve, quando o contempla e com ele convive? Ou não consideras, disse ela, que somente então, quando vir o belo com aquilo com que este pode ser visto, ocorrer-lhe-á produzir não sombras de virtude, porque não é em sombra que estará tocando, mas reais virtudes, porque é no real que estará tocando?

1.7 UMA BREVE COMPARAÇÃO ENTRE CAMÕES ÉPICO E CAMÕES LÍRICO

Lírica e Épica são duas modalidades que se distinguem pelo estilo em que se apresentam e pelo objetivo discursivo. A primeira (lat. *lyricus*) ressalta um “eu” muito mais subjetivo, ou seja, a primeira pessoa fica muito mais em evidência justamente pelo fato de o “eu-lírico” ser o enunciador e foco da trama, normalmente em forma de poesia; na segunda, o foco sai de quem narra para o que se narra, projeta-se ao objetivo, havendo um jogo, não necessariamente opositor, entre sujeito (representado pelo narrador) e o objeto (a situação que se apresenta na narrativa, quem se está apresentando, feitos ou conquistas de um algum personagem tido como herói).

Contextualizando em Camões, em sua lírica, há uma preocupação em abordar, como dito anteriormente, questões intrínsecas à alma humana, problematizando subjetivamente a partir da poesia contida em seus poemas temas como o amor, o intelecto, a reflexão do homem enquanto ser que pensa, os estados da alma humana, ao contrário da épica, de caráter nacionalista e, por vezes, com um viés ideológico de afirmação da fé cristã; outra diferença importante é em relação à forma: na lírica, a estruturação dos versos obedece a uma estruturação de soneto, algo que não se verifica no épico.

Camões teve em *Os Lusíadas* sua obra de maior repercussão e renome no espaço literário, a ponto de esta ser considerada o maior representante em Língua Portuguesa do referido gênero. É nela que vemos nitidamente o caráter ufanista do autor quando enaltece Portugal e seu povo, em uma clara representação do *ethos*, personificado pelo grandiloquente protagonista Vasco da Gama, lançando mão de figuras mitológicas greco-romanas, quando da viagem deste na empreitada de descobrir o caminho para a Índia, a saber tal qual Vênus (nome romano dado à deusa grega do amor, Afrodite), que, junto com Marte nos bastidores, defende os lusos em sua missão de “navegar por mares dantes nunca navegados” (CAMÕES, p.1) sofrendo oposição de Baco (versão romana do grego Dionísio, deus do vinho e exímio legislador).

Conforme Braga (2005, p.54),

Com estes elementos fundamentais ou orgânicos, a elaboração da literatura portuguesa é o produto do *ethos* da raça, do sentimento da nacionalidade e da consciência histórica, acompanhando solidariamente a evolução estética das literaturas românicas na Idade Média, na Renascença e na época do Romantismo, seguindo a acção hegemónica de cada uma delas [...]

O autor notoriamente teve como referências obras clássicas como *Iliada* e *Odisseia*, de Homero, que representam o despontar da literatura grega, bem como *Eneida* de Virgílio, marco da literatura romana.

Os versos foram escritos em oitava rima, ou seja, contém estrofes compostas de oito versos decassílabos, sendo o primeiro ligado ao terceiro e quinto; o segundo ao quarto e sexto e o sétimo ao oitavo. Eis um trecho de “Os Lusíadas” (CAMÕES, p.48) em que isso fica evidente:

As/ ar/mas/ e os/ Ba/rões/ as/si/na/la/dos	A	
Que/da O/ci/den/tal/ pra/ia/ Lu/si/ta/na	B	
Por/ ma/res/ nun/ca/ de an/tes/ na/ve/ga/dos	A	
Pas/sa/ram/ ain/da a/lém /da/ Ta/pro/ba/na,	C	
Em/ pe/ri/gos/ e/ guer/ras/ es/for/ça/dos	A	8 versos decassílabos

Mais/ do/ que/ pro/ me/ tia a/ for/ça hu/**ma**/na, C com esquema de rima
 E en/tre/ gen/te/ re/mo/ta e/di/fi/**ca**/ram D ABACACDD
 No/vo/ Rei/no/, que/ tan/to/ su/bli/**ma**/ram; D

Faz-se mister destacar que nem toda poesia, necessariamente, irá pertencer a um gênero ou outro (bem como nem todo poema contém poesia, pois o que define esta é o lirismo carregado de subjetivismo que está contido em seu interior, sendo necessária a análise criteriosa dos elementos que a constituem e sua mensagem dentro de uma perspectiva literária funcional.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar de atualmente suas obras parecerem um tanto arcaicas, principalmente do ponto de vista léxico-linguístico, Camões foi extremamente importante na consolidação da Língua Portuguesa enquanto idioma.

Por meio de seus neologismos (por exemplo, insofrido) e figuras de linguagem – dentre as quais, com especial destaque para os hipérbatos, inversões da ordem sintática normal dos termos oracionais, utilizados em larga escala pelo escritor, chegando a ser sua marca maior –, conseguiu dar à Língua Portuguesa uma conotação que ainda não possuía, dado que ainda estava se desvencilhando do Latim, o que lhe propicia ser o divisor de águas entre o arcaico e o moderno, tanto que seus textos, apesar de sintaxe complexa e vocabulário diferenciado do que se costuma ver nas obras atuais, ainda assim são muito mais próximos da realidade linguística lusófona que os dos autores a ele anteriores.

Além disso, numa perspectiva filológica, estudando Camões podemos ver exatamente a fase de transição do latim para o português. É uma parte da história deste idioma que se registra em seus textos, que não apenas em expressividade são ricos, mas também em recursos estilísticos, sintáticos e semânticos (estes, que serão mais à frente analisados e discutidos com mais perícia quando da análise de alguns textos de amostra).

Em suma, suas obras, dentro de uma análise histórica, tornaram-se uma forma de autoafirmação do português não só enquanto idioma mas também enquanto cultura de um povo, de uma nação. É preciso ressaltar que *Os Lusíadas*, por exemplo, retratam a época em que Portugal era uma potência marítima e colonizadora, com territórios localizados na África, Ásia e América; tal fato era motivo de grande ufanismo por parte dos portugueses, sobretudo da elite aristocrata e intelectual, pois a ideia que se tinha era de um país sólido economicamente, culturalmente e forte em representatividade global. Se a Língua Portuguesa, hoje, tem sua relevância, suas peculiaridades, sobretudo, sua caracterização, fato é que tudo isso não seria possível sem a genialidade e originalidade desse grandiloquente poeta português.

REFERÊNCIAS

- BRAGA, T.. *História da Literatura Portuguesa: Idade Média*. 3. ed. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda. 2005.
- BURKE, P.. *O Renascimento*. Brasília: Edições Texto e Grafia, 2008.
- CADEMARTORI, L.. *Períodos Literários*. São Paulo: Ática, 1985.
- CAMÕES, L. V. de. *Canção I*. 2015. Disponível em: < <http://www.jornaldepoesia.jor.br/camoes24.html>>. Acesso em: 31 out. 2018.

- CAMÕES, L. V. de. *Os Lusíadas*. Disponível em: <<http://web.rccn.net/camoes/camoes/index.html>>. Acesso em: 04 fev. 2018.
- CRAESBEECK, P. *Rimas de Luís de Camões*. 3. ed. Lisboa: [s.n.], 1607
- DUARTE, L. P. *Estudos Camonianos*. Belo Horizonte: Centro de Estudos Portugueses da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, 1983.
- OSÓRIO, J. A.. *Humanitas*. Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Instituto de Estudos Clássicos, 1976. v.27 e 28.
- PLATÃO. *O Banquete*. 2000. Disponível em: <http://www.educ.fc.ul.pt/docente/opombo/hfe/protogoras2/links/O_banquete.pdf>. Acesso em 04 fev. 2018.
- PUC-RJ. *Análise de Camões*. Disponível em: <http://www.www2.dbd.puc-rio.br/pergamum/tesesabertas/0821117_2011_cap.3.pdf>. Acesso em 04 fev. 2018.
- SCOTTINI, A.. *Dicionário Scottini*. Blumenau: Todo Livro, 2009.
- SOUSA, F. S. de. A Mulher na Poesia de Dante, Petrarca e Bocaccio. *Revista de Letras*, Ceará, v. 18, nº 2, jul/dez 1996. Disponível em: <<http://www.revistadeletras.ufc.br/rl18Art13.pdf>>. Acesso em: 31 out. 2018.
- TORRALVO, I. F.; MINCHILLO, C. C.. *Sonetos de Camões*. 2. ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.
- URBANA, Legião. *Monte Castelo*. Disponível em: <<https://www.letrasdemusicas.com.br/legiao-urbana/monte-castelo/>>. Acesso em: 16 fev. 2018.

ABSTRACT

To talk about Camões is, especially, to study about one of greatest genius of the Literature of all time, in particular of the portuguese language. His vast work exceeds the time limits and arrives to current readers with still very contemporary themes. This present article aims to contextualize Camoes in his historic moment, considering the variables in this period and, from this, enable the understanding of this influence in his writings, using, beyond History, Philosophy and Science, the excerpts themselves as a sample, taking into account studies about the structure of the poem. With the study here proposed, besides discussing the author himself, shows the importance of this literay work for the evolution of the portuguese language, a study that can contribute, certainly, for the language studies in a historical perspective.

KEY WORDS

Camões, history, philosophy, literature, portuguese language.

